

A hemodiálise é uma operação de rotina realizada para salvar vidas de pacientes com problemas renais. Em Caruaru, Pernambuco, ela mata. As vítimas já são 30 e podem dobrar nos próximos dias. Ambulâncias levam pacientes para a “fila da morte”. Alguns não têm a menor esperança de voltar vivos do Hospital Barão de Lucena em Recife, de onde nenhum deles voltou com vida até agora. Joaquim Gomes, transferido para a capital, ainda espera voltar para o roçado. Os parentes dos que já morreram fazem protestos. Os outros ainda não têm tempo de se revoltar e preferem cuidar dos doentes e rezar por eles. Mas João Carlos Tabosa já pensa em resolver o caso “na Justiça ou de outro jeito”. Ninguém sabe ainda porque a hemodiálise está matando, mas há muito tempo não há qualquer fiscalização no Instituto de Doenças Renais de Caruaru onde, desde a terça-feira de carnaval, 126 pessoas foram contaminadas com hepatite tóxica.



Parentes de vítimas da “chaciná da hemodiálise” de Caruaru protestam contra a contaminação que vem ocorrendo desde o carnaval e que já matou 30 pessoas

CRIME DE SANGUE

Marcelo de Moraes

Enviado especial

Caruaru (PE) — Um bolo de curiosos se forma na frente da casa de saúde Santa Efigênia, uma das principais de Caruaru (137 kms de Recife). Empurrada numa cadeira de rodas, Dulcinéia Alves da Silva, é levada quase desacordada até a ambulância.

São 13h58 de quarta-feira. A ambulância nº 518 do corpo de bombeiros de Caruaru está aberta e é o próprio filho de Dulcinéia, Luis Paulo da Silva, quem a pega no colo e a põe na maca. A mãe vai sumindo dentro do carro e Dora Cristina da Silva, outra filha, grita, já chorando.

— “Você vai só fazer exames, mãe!”

Márcia Maria, mulher de Luiz Paulo, grita também, dessa vez falando o que toda família já sabe e tenta esconder da doente:

— “Não deixa ela morrer não, moço”, implora ao enfermeiro, também sem segurar as lágrimas.

A família fica na calçada chorando. A ambulância parte de Caruaru para o hospital Barão de Lucena, em Recife. Os filhos desconfiam que a mãe não vai resistir por muito tempo. Estão apenas esperando a notícia da morte.

A fila da morte

É um ritual macabro. Desde o dia 18 de fevereiro, uma terça-feira de carnaval, 126 pacientes com problemas renais, que faziam hemodiálise no Instituto de Doenças Renais (IDR) de Caruaru, caíram doentes. Todos têm hepatite tóxica. Até a madrugada de sábado passado, trinta deles já tinham morrido. Mais 38 pacientes estão internados em Recife em estado grave. Dois estão na UTI. Todos farão um ar o cheiro de que um a um, numa lenta agonia, morrerão os intoxicados.

— “Isso é a fila da morte”, — diz João Carlos Tabosa vendo o pai Abenildo na fila para mais uma sessão de hemodiálise no Instituto de Nefrologia e Urologia de Caruaru (INUC), onde são consultados os doentes em melhores condições.

— A maior parte dos doentes é pobre, mora em Caruaru ou nas cidades vizinhas. Muitas vezes, eles apelam para os políticos de sua região para conseguir o transporte até o INUC e continuar o tratamento. Quando não conseguem, pagam do próprio bolso a passagem de ônibus. Se não têm dinheiro, simplesmente não vão e definham aos poucos.

“A passagem de R\$ 13 é muito cara”, confirma Maria de Fátima Moura, que mora em Ibirimir. Na última semana, Fátima fez só uma hemodiálise (seriam necessárias pelo menos três). Obviamente, piorou muito. Acabou transferida no mesmo dia para Recife, engrossando a lista dos pacientes mais doentes.

“Só a minha vista está doendo. Por isso eu não quis ir para Recife”, conta Irene Domingos da Luz, com medo de que a incluam na relação dos transferidos.

A transferência de Caruaru para Recife é quase uma senha para esses doentes. É o mesmo que o anúncio da relação dos enviados para a câmara de gás. Até agora, do Hospital Barão de Lucena ninguém voltou com vida para casa.

Sede na estrada

“Espero melhorar para voltar a cuidar do meu roçado”, diz Joaquim Gomes, 61 anos, transferido na quinta-feira para Recife, sonhando esperançoso.

Rosto inchado, barriga estufada, pele amarelada. José Aildo Caetano Alves, 22 anos, tira o boné do São Paulo Futebol Clube da cabeça e coça o cabelo. Quer comprar uma garrafinha de água mineral. Como todo doente de problema renal, sente muita sede.

“Tô com uma sequeira danada”, reclama.

O vendedor ambulante diz a José Aildo que a água acabou. Vendeu tudo. “É, lasqueira!”, protesta.

José Aildo vai ter que ir a seco mesmo dentro da ambulância que o levará de Caruaru à Recife. São 137 quilômetros de sede. Mais de duas horas de estrada, dividindo a ambulância com mais dois doentes, Joaquim e Maria Celeste.

Apesar da doença, José Aildo, cara e jeito de menino de 15 anos, encontra ânimo para falar de futebol. Falar do São Paulo, seu time de coração.

— “Está apanhando tanto que não dá nem gosto”, diz.

Um pedido dramático de Joaquim Gomes fez com que José Aildo fosse na mesma ambulância. Ele só iria para Recife no final da tarde. Mas “- seu” Joaquim pede a companhia do novo amigo, conhecido ali mesmo nos corredores da clínica.

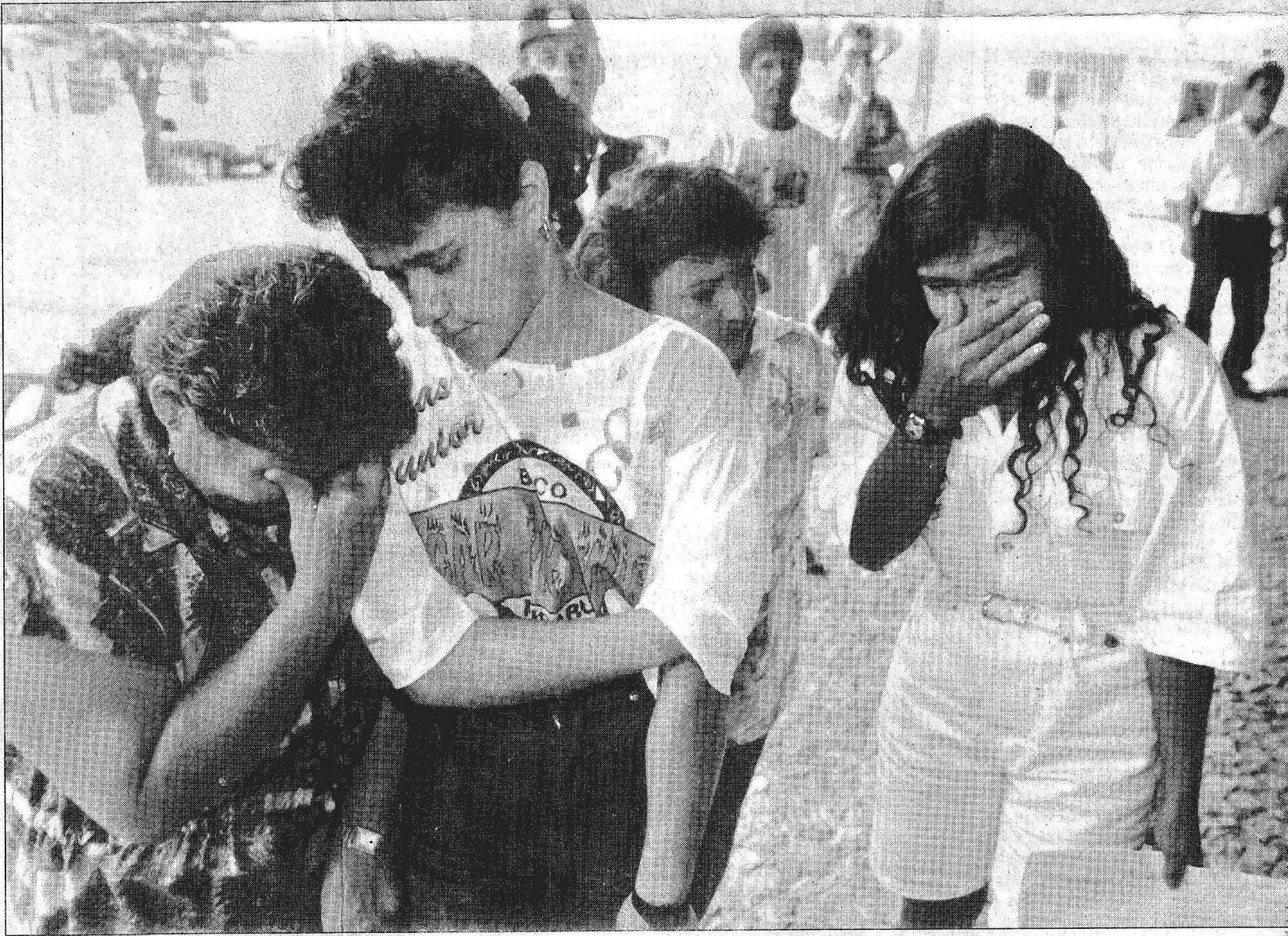
“Pode deixar, seu Joaquim. Não vou deixar o senhor se perder”, promete, forte.

Seu Joaquim preferia que a mulher Risoleide fosse ao seu lado. Não deu. Risoleide precisava voltar para Belo Jardim e tentar conseguir o pagamento da pensão de Joaquim. Seu Joaquim se ampara mesmo é na força de José Aildo, tão doente quanto ele.

“Vou pra Recife pra ver se escapo. Se não der, a gente forma um time de futebol lá em cima”, diz Aildo.

Até o domingo passado, o comerciante aposentado Heleno Fortunato, 60 anos, teve força para brigar pela vida, debilitado e cansado, no leito da clínica São Sebastião, ele chamou sua mulher, Sílvia Alves. Segurou sua mãe e avisou que tinha desistido. Transferido na terça-feira, foi para o Instituto de Nefrologia e Urologia (INUC) de Caruaru. No dia seguinte, estava morto.

“É triste continuar a ver tantas fa-



mílias sofrendo”, lamenta Sílvia e a família sofre mesmo. João Carlos Tabosa viajou de Manaus até Caruaru para tomar conta do pai, Abenildo Tabosa. Difícil é manter o controle.

“Eu estou só esperando meu pai morrer. Ai eu resolvo essa história na justiça ou de outro jeito”, ameaça.

Quem passa ali perde a família

Josetilde e Júlio César Clemente são irmãos. vieram num corcel de Vila do Bará até Caruaru atrás do pai, José Clemente Filho. Também não se iludem.

“Ele piorou. Ontem à noite, estava caindo e vomitando. Disse que não estava sentindo as pernas e que não está enxergando direito. A família sofre demais”, desabafa Josetilde.

A dor é tão grande que Josenilde nem se importa em saber de quem é a responsabilidade pelo problema.

“Não culpo médico, não culpo nada. Foi uma tristeza. Meu pai pede para ver os jornais e o noticiário da TV. Se não deixarmos, ele se sente apereado pede muito para ver”, diz.

A maior reclamação é por não sa-

A família de Dulcinéia Alves da Silva fica na calçada chorando e esperando a notícia da morte dela

ber direito o que se passa dentro da sala de hemodiálise, cujo processo doloroso leva 4 horas.

“Colocaram meu pai no balão de oxigênio um dia e eu não sabia. Desconfiei que havia algo errado e entrei lá, mesmo com eles dizendo que eu não podia. Quando vi, ele estava tomando oxigênio. A gente passa por aqui e perde a família”, chora Josetilde.

Antes morrer, a agonia. “Dia sim, dia não, os pacientes contaminados no instituto de doenças renais (IDR) de Caruaru se submetem a uma sofrida sessão de hemodiálise para continuar a lutar pela vida.

Todo sangue dos doentes é “recirculado” pelo corpo num processo

demorado. Além da dor provocada pelas agulhas, há o enjôo, a dor de cabeça e o gosto ruim na boca.

“A gente chega a vomitar na hora”, conta Maria de Fátima Moura. Irene Domingos tem os braços inchados como se fizesse exercício com pesos. Seus braços já estão tão roxos das espetadas das agulhas, que os médicos não tiveram outra saída para fazer a hemodiálise.

“Eu faço pela barriga. Eles fazem um furo perto do umbigo”, descreve.

José Clemente Filho entra na sala da hemodiálise do INUC e se prepara para mais uma sessão. Leva apenas um travesseiro. A toalha que costumava usar, foi dispensada dessa vez.

“A sala lá dentro é muito quente”, afirma Irene Domingos que acabou sua hemodiálise antes de Clemente.

“Na hora, a gente vomita. Dá um gosto muito ruim.”

Ela sai à procura de um copo de água para aliviar a sede. Bebe devagar:

“Diz que se a gente beber muita água, acaba morrendo”, conta, assustada. Do lado de fora da clínica, ela se senta no chão mesmo. Espera o carro que vai levá-la para Ibirajuba. Não lembra quantos anos têm. É viúva e troca o número de filhos. Fala que são cinco. Na verdade, são oito, sendo três pares de gêmeos.

Irene conta que Patrícia, 20 anos, sua filha mais velha é quem toma conta dos irmãos apesar das dores, gosta do tratamento feito pelas atendentes do INUC.

“Elas prestam atenção na gente. São Boazinhas”.

Ela sente falta mesmo é da companhia da amiga Aparecida. As duas iam juntas fazer o tratamento em Caruaru, e voltavam juntas para Ibirajuba.

“Mas ela já foi embora”, diz.

Logo após um curto período de silêncio, Irene completa.

“Ela já morreu”.